

FICOU A PALAVRA

Por sociodialetica, às 16:52 | [comentar](#)

A vaidade exige a imortalidade. O nosso egocentrismo que a razão grega exacerbou ao apelar para o olimpo da racionalidade não cabe nas montanhas, vales e algumas planícies da nossa existência. Consideramos esta acanhada, sem fôlego, demasiado amarrotada por uma geografia acidentada de um quotidiano repetitivo, monótono, sem as chamas permanentes das paixões, com a palidez nebulosa do que sistematicamente não controlamos.

A vaidade exige a imortalidade porque ela arrasta o permanente, assim como a estabilidade que rejeitamos no quotidiano. Não sabemos o que ela significa. A mudança nega a eternidade, o tempo tem dimensões que ainda desconhecemos mas toda a racionalidade de que nos vangloriamos se esfuma quando está em causa a superação de nós mesmos, a possibilidade de continuarmos a ser quando já não somos.

Raramente penso nestes assuntos mas eles fervilham no subconsciente, impõem-se na nossa cultura, alimentam os espaços vazios de uma intelectualidade erigida em modo de vida. “Se já plantaste uma árvore, tiveste um filho e escreveste um livro já viveste”. Não interessa se essa árvore resultou da identidade panteísta com a natureza a que pertencemos, é irrelevante se esse filho foi o resultado de um grande amor e fecundado em orgasmo transcendental, talvez pouco interesse se o livro diz alguma coisa que interesse aos outros. O que está em causa não é ter vivido, mas sim ter construído a evidência de ter vivido, ter criado o que fica, caminhos estilhaçados da imortalidade.

De alguma forma a minha vida foi moldada por essa ânsia que alimenta milhões de combinações dos neurónios. O gosto em investigar, ensinar e publicar; a ansiedade em descobrir o novo e o desespero perante o muito que desconhecemos; um certo receio pelos fogos-fátuos da fama passageira e envaidecedora, pelas trovoadas dos meios de informação e pela quebra da liberdade de criação e acção são, aqui e além, projectados nesse devaneio de imortalidade.

Reconheço a efemeridade do percurso.

Os filhos são a maior garantia de que alguma coisa fica após a morte, de que por vezes seremos lembrados. Nessa altura o mal é esquecido ou mais benevolmente perdoado e as qualidades ressaltarão com uma claridade que nunca gozou no tempo de existência. Resistimos uma geração para além da nossa. Depois disso será a diluição completa, a fotografia amarelenta e amarrotada, o objecto deitado ao lixo, um nome que se tenta lembrar, uma imagem que já não existe. É um fogacho da imortalidade de quando imaginamos o futuro como uma realidade que se espalha rectilineamente, a uma velocidade uniformemente acelerada, alheia aos homens, ao *big bang* ou às expansões e contracções do universo. É uma imortalidade que se despenhaça ao virar da esquina das gerações, mas que tem a força do amor, da convivência quotidiana, dos encontros e desencontros, daquela vontade permanente em comungar a existência, de suar as saudades da ausência. É uma ténue imortalidade sempre em reconstrução num ambiente que só a família, tenha ela o significado que tiver, consegue construir.

Os livros foram escritos, são vários e constam das bibliotecas e dos catálogos. Na ausência de modéstia sugere-se que eles contêm informações novas, que podem ser úteis para os historiadores que pretendam compreender as curvas apertadas da sociedade portuguesa, que são susceptíveis de ensinar os que pretenderem estudar. Se Portugal continuar a existir como recanto da humanidade, encontrá-los-ão, mas estão e estarão em sucessivos campos de concentração da racionalidade oficial. Porque são uma escrita rebelde, porque marcam uma época, porque se dirigem a um público restrito. Porque estão escritos em português, com orgulho, com persistência, com patriotismo, com amor ao nosso povo, com vontade de transformar esta sociedade, mas inevitavelmente prescritos das grandes arenas do saber, dos palcos do política e cientificamente correcto.

Só encontrei duas formas para fugir a esta acanhada temporalidade existencial. A primeira é uma sensação difusa de intemporalidade que descobri em África. Uma transcendência que religiões que desconheço cultivam ou constroem, mas que é profundamente humana, ecológica, essencial. Transpira racionalidade nos poros de um sentir que as culturas europeias perderam, esqueceram ou nunca tiveram. O futuro é a comunhão plena com o presente.

A segunda encontrar-se-ia na produção de arte. Só o texto está ao alcance do meus poucos recursos. Só a escrita poderia produzir essa metamorfose no outro, no artista.

Não tenho ilusões, falta-me tudo: vocabulário, rigor na frase, imaginação na invenção, liberdade das pressões do quotidiano, vivência social, capacidade de sonhar e observar para além do observável. Falta-me quase tudo mas em alguns momentos a tranquilidade, o desespero, o dilaceramento sentimental, a raiva perante as grilhetas do quotidiano fazem com que sinta uma ansiedade pela escrita.

Este é o prefácio da obra de arte que nunca escreverei.

Ficou a palavra.

Gosto

Email

« POST ANTERIOR INÍCIO